



@gente

revista digital de psicanálise

03



*Escola Brasileira de
Psicanálise - Seção Bahia*

@gente

revista digital de psicanálise • 03 • nov 2007

COMISSÃO EDITORIAL

:: DIRETORA DE PULICAÇÃO
Tânia Abreu

:: COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Lêda Guimarães (COORDENADORA)
Ana Stela Sande
Marta Ines Restrepo
Jane Marcia Lemos Luz (REVISORA)

PROGRAMAÇÃO VISUAL
E EDITORAÇÃO
Adriano Oliveira

Editorial • LÊDA GUIMARÃES.....	3
Perversão generalizada • TÂNIA ABREU.....	4
Da identificação mortífera à “precipitação do sintoma” • FÁTIMA SARMENTO	8

Editorial

LÊDA GUIMARÃES

O que é perversão hoje? Do amplo catálogo das perversões sexuais, agora bem absorvido pelo livre acordo entre parceiros, resta o horror à pedofilia, como a perversão sexual inequívoca na norma do Outro social vigente. Criança preciosa que se busca proteger do horror perverso humano!

Por outro lado, um fenômeno crescente e aberrante escandaliza e transborda as regras de contenção social: atos de violência juvenil sustentados por crianças e adolescentes. Contamos neste @GENTE com o texto de abertura da XIII JORNADA DA EBP – BAHIA e VII JORNADA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE – BAHIA, *Perversão generalizada*, proferido pela diretora da EBP-BA, Tânia Abreu, e com um caso clínico, comentado por Fátima Sarmiento, de um adolescente francês que bem se orgulhava, como chefe de um bando, dos seus ataques violentos contra estrangeiros, principalmente árabes.

Perversão generalizada

TÂNIA ABREU

Ao considerar a clínica no viés psicanalítico, alguns impasses surgem, como os que nos são colocados por campos como o da psicose e o da perversão. No tocante ao primeiro, o da psicose, encontramos já muitos trabalhos que apontam direções a seguir nas dificuldades impostas à abordagem psicanalítica das psicoses. O mesmo não se dá, entretanto, com a perversão, que, embora tema de muitos trabalhos, ainda tem a visada clínica perpassada por aspectos relacionados à organização social contemporânea.

Com o objetivo de avançar nos estudos clínicos e contemporâneos da perversão, a Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia propôs este tema para a XIII JORNADA DA EBP–BA e VII JORNADA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE – BAHIA, sob a forma de uma pergunta:

Perversão: traço e estrutura – O que é a perversão hoje? Sem dúvida que a forma interrogativa através da qual se apresenta o tema nos leva a inferir que algo diferente ocorre no fenômeno perverso nos dias atuais, por um lado, e, por

outro, nos impele a afirmar o que permanece como característica de uma estrutura desde Freud. Uma decorrência do primeiro aspecto é o que será discutido com o termo “perversão generalizada”. A segunda ocorrerá em torno da distinção clínica entre traço de perversão nas estruturas clínicas e a perversão em si como estrutura. Ao longo do desenvolvimento desta apresentação do tema ao público em geral, trataremos de aspectos destas duas declinações.

Se o catálogo das perversões deixado como herança pelo direito canônico à medicina do século XIX inclui em seu rol a perversão como conduta sexual dita desviante, ilustrando estes desvios seja com o sadismo, o masoquismo ou o voyeurismo, a psicanálise teve seu campo adentrado pela perversão através da subversão da noção de perversão como patologia do comportamento sexual, fundando o campo da sexualidade infantil como sexualidade polimorfa perversa. A perversão transforma-se, assim, menos em um desvio e mais como algo da ordem do primário, sendo, em Freud, mais

primitiva que a norma, secundária e cultural. Se em 1905 Freud provocou escândalos, evidenciando que a sexualidade humana é perversa ao considerar que o que faz com que alguém tenha uma vida sexual são os objetos parciais, o olhar, a voz etc., o que acontece na contemporaneidade, segundo Laia¹, é que nossa atração por estes “divinos detalhes” – um olhar, um certo jeito de falar, um determinado modo de seduzir, o modo de se vestir ou mesmo se despir – ganha estatuto de cidadania e generalidade, na medida em que a perversão passa a ser ressaltada como norma social.

O tema da perversão pode ser visto pelo viés do Outro social, considerando a forma particular de conduta do perverso na relação com a lei e a norma, diante das quais faz de sua própria satisfação uma lei. Desta maneira, podemos encontrar em muitas formas da violência um uso generalizado da perversão, o que nos levou a dedicar uma pré-jornada à

1. LAIA, Sérgio. Paiversão massificada.

interface do direito com a psicanálise, campo que nos permitirá debater as relações do sujeito com a lei e sua transgressão. Discutiremos, a partir da rubrica Psicanálise e outros saberes, como lidar com as leis do direito que tratam do universal, em contraposição à psicanálise, que visa o particular de cada um frente a questões da lei e do fora-da-lei, atentando para a lei insensata do supereu que comanda o sujeito, bem como frente à violência na cidade, na família, na relação entre os cidadãos, com especial destaque para a questão da mulher e da criança. Refletir sobre estes aspectos torna-se tarefa ontológica e histórica, “tarefa que se impõe sobretudo em tempos de transformação da sociedade e de crise de valores, em que emergem também novas formas de organização das ciências”². Esta interlocução estará regida pela compreensão de que tanto o direito quanto a psicanálise buscam o entendimento do sujeito e suas relações, seja ele sujeito de direito ou sujeito do desejo. Ao considerarmos o sujeito do direito, estaremos no campo daquele que age consciente de seus direitos e deveres, seguindo leis estabelecidas por um ordenamento jurídico; em contrapartida, o

sujeito do desejo está assujeitado às leis regidas pelo inconsciente. Longe desta oposição entre objetividade e subjetividade colocar direito e psicanálise em campos antagônicos, apostamos que a interdisciplinaridade aponte para a compreensão do privado em relação a um contexto público, seja este contexto o sistema legal, para o direito, seja o campo das relações do sujeito dividido pela linguagem com o Outro, para a psicanálise.

Uma outra forma de trabalhar o tema é conectá-lo com a noção lacaniana do objeto *a*³, lembrando, com Alain Merlet, nosso convidado internacional para a Jornada, que

[...] o perverso referencia o instante em que se separa o corpo de seu gozo, a fim de enviar ao Outro o que ele crê que ele perdeu. Este tipo de devoção ao Outro, querer, ao mesmo tempo, apoderar-se do que ele perdeu para restituir-lhe, consagra o perverso a uma atividade incansável, pois ele quer completar o Outro não se dando conta de sua

inconsistência estrutural, o objeto a que acossa o perverso como a alma de seu parceiro, não sendo elemento mais parte do Outro. O perverso “falha, portanto, em sua tarefa”, como precisa Lacan.⁴

Clinicamente, exemplos como o exibicionismo ou o voyeurismo são paradigmáticos para entendermos por que o perverso necessita que o Outro exista, muitas vezes de modo mais consistente do que numa neurose obsessiva, onde o sujeito passa muito tempo falando consigo mesmo de modo intra-subjetivo. Para o exibicionista, o público, a audiência são essenciais, pois ele visa fazer aparecer o olhar no Outro. Assim, para o exibicionista, é interessante mostrar os genitais à mulher, produzindo-lhe vergonha por não tê-lo; é essencial mostrar o órgão para fazer surgir o olhar feminino. Do lado do voyeur, o que vemos é uma tentativa de olhar para obstruir o furo do Outro, fazendo-lhe assim todo.

Deste modo, ao contrário do neurótico que se angustia em ser objeto do desejo do Outro, em se apresentar como objeto, o perverso se oferece como tal, como objeto para o gozo do Outro, salientando que isto não causa angústia, porque vem acompanhado de um saber.

2. GROENINGA, Giselle Câmara; PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Entre subjetividade e objetividade. In: _____. *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 10. Apresentação.

3. Um dos primeiros termos algébricos de Lacan, apareceu em 1955 em oposição ao termo A, grande Outro, que é a alteridade radical. Ao longo da obra de Lacan adquiriu vários sentidos. Designou inicialmente ao semelhante, passou ao estatuto de objeto do desejo como agalma, objeto precioso que buscamos no outro. Posteriormente como objeto inalcançável adquiriu o estatuto de “objeto causa do desejo” sendo o motor do desejo. No final do ensino de Lacan foi associado a um excesso de gozo como um “mais de gozar” e finalmente Lacan vincula a noção de *a* ao conceito de semblante do ser.

4. MERLET, Alain. Perversão e Nome-do-Pai. In: *Scilicet dos Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: AMP/ EBP, 2005. Textos preparatórios para o Congresso de Roma, 13-17 jul. 2006.

O perverso é aquele que devota seu ser objetável ao gozo do Outro, se coloca como instrumento para o gozo do Outro, uma vez que usurpou o lugar do pai, apropriando-se do seu saber. Assim, objeto e saber estão do lado do perverso.

Estão delineadas aí as razões teóricas que apontam para uma dificuldade de encontrarmos verdadeiros perversos, no sentido estrutural, em análise. Se os neuróticos vêm à análise em busca do objeto *a*, o perverso já o encontrou. Se o neurótico demanda análise e nela pode se manter, é porque um saber sobre o gozo sexual é suposto ao analista. O perverso, contrariamente, se oferece como instrumento do gozo do Outro, como *a*, uma vez que é portador do saber sobre o gozo sexual, tapando um certo vazio necessário para que uma demanda de análise se esboce. Mas a clínica nos aponta que sujeitos que recusam a castração eventualmente procuram analistas. O que se passou aí? Algum desarranjo no modo de gozar? Nosso convidado Alain Merlet, em seu texto *Perversão e Nome do Pai*⁵, afirma que “Quanto à literatura psicanalítica que concerne à perversão, podemos resumi-la assim: se um perverso vem ver um analista, é porque ele

se enganou de porta, se ele volta é porque ele não era perverso, se ele persiste a vir é para perverter o analista”. Mas “na perspectiva do sinthoma⁶, a não ser que ele tenha feito perversão de sua religião e religião de sua perversão, fazendo dele um ‘perverso perfeito’ como se vangloriava Jouhandeau, pode ser que um sujeito perverso encontre seu lugar de falasser sobre um divã”.

O estilo freudiano de abordar a devoção do perverso ao Outro nos leva a retomar o ponto de vista estrutural, com o intuito de uma definição mais apurada do que seja a perversão generalizada. Nesta orientação, o perverso é aquele que, frente ao encontro com a castração do Outro, devota-se a negá-la, através do clássico mecanismo da Verleugnung, termo alemão que em português admite várias traduções, dentre elas desmentido, recusa, renegação, repúdio, etc. Fiquemos com recusa. A que se recusa o perverso? A aceitar o efeito fundamental da linguagem sobre a satisfação: seu sacrifício. O sacrifício da satisfação sexual no corpo próprio, o que obriga o sujeito a ir ao

O perverso é aquele que devota seu ser objetável ao gozo do Outro, se coloca como instrumento para o gozo do Outro.

encontro do outro sexo. Esta constatação levamos a admitir que todo caminho de acesso ao outro sexo é uma perversão generalizada como tal, primária e para todos, segundo Jacques-Alain Miller em texto onde discorre sobre os fundamentos da perversão.⁷

O perverso, neste contexto, afirma o falo e desmente a castração já afirmada como castração da mãe, da mulher. O fetichismo é o protótipo desta montagem perversa, sendo o fetiche o memorial erguido ao horror à castração, que torna a mulher tolerável como um objeto sexual, substituindo o que lhe falta. O objeto fetiche torna-se um véu em relação ao vazio de um objeto que falta. Deste modo, se pretendermos estabelecer um campo para aplicar o termo perversão generalizada, este é o da sexualidade, pois é ali que o sujeito faz do outro o a causa do seu desejo. Também é ali, na

5. MERLET, Alain. Perversão e Nome-do-Pai. In: *Scilicet dos Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: AMP/EBP, 2005. Textos preparatórios para o Congresso de Roma, 13-17 jul. 2006.

6. Grafia arcaica do termo sintoma, lançada por Lacan em 1975 quando estudou Joyce. Significa um núcleo de gozo imune ao simbólico, sendo o quarto elemento que atua como suplência, impedindo que os três registros, RSI, atados borromeamente, se desatem frente as inúmeras ameaças. O final de análise não visa dissolvê-lo, mas uma identificação ao Sinthoma.

7. MILLER, Jacques-Alain. Fundamentos de la perversión. In: _____. *Perversidades*. Buenos Aires: EOL/ Paidós, 2001.

sexualidade, que o polimorfismo mostra sua cara, caracterizando esta disposição da sexualidade humana como um fato de estrutura.

Aplicar este significante “generalizada” à perversão, numa vertente mais ligada ao Outro social, pode nos impulsionar ao imperativo contemporâneo do “GOZA”, alimentado pelo totalitarismo de mercado que impera no capitalismo global e moderno, que incita o humano de modo geral através do consumo, da compulsão ao logro da plena satisfação individual. A solidão do gozo individual e alucinado a que o homem pós-moderno é jogado, promovido pela proliferação de objetos que atuam como obstáculo à circulação de um discurso. Este viés de pesquisa pode nos levar aos sintomas contemporâneos, ao mal, onde o reino da pulsão desenfreada pode ultrapassar o limite do sujeito colocar-se no fantasma como objeto a serviço do gozo do Outro, como no par hegeliano do amo e do escravo, e alçá-lo à dimensão de objeto no real, na qual cai de toda possível colocação no Outro.

Neste não-lugar, o sujeito não consegue encontrar a barreira que conserve sua subjetividade, uma vez que o Outro se absolutiza, não lhe sendo satisfatório nenhum objeto. O sujeito deixa assim de poder pensar-se como “se fosse o objeto”, para se ver transformado em objeto. Os desocupados, desnutridos e desaparecidos que compõem o conjunto dos excluídos, assim como o infantil, representado pelos corpos de crianças explorados no trabalho infantil ou contemplados pelos adultos que, com olhar extasiado, testemunham a realização em danças de movimentos deliberadamente sexuais, incitados por músicas sensuais e cenas televisivas erotizadas, são exemplos que configuram o cenário contemporâneo dominado pelo discurso capitalista.

O tema da perversão enquanto traço nas estruturas clínicas será também objeto de nossas discussões, cabendo alguns comentários sobre este ponto antes de finalizarmos.

Para tratarmos da questão do traço de perversão, torna-se mister que, inicialmente,

ressaltemos que, em termos estruturais, não estamos no campo do desmentido, da recusa da castração, como expusemos anteriormente, mas no ramo do recalque ou da forclusão⁸. Isto quer dizer que frente à castração ou há submissão ou anulação. Assim sendo, o traço de perversão se manifesta através de um ato no qual entra em cena algo do corpo do outro.

Uma vinheta clínica para concluir o raciocínio: trata-se de um jovem rapaz que exibia sua fobia de contato com medo de ter contraído Aids em suas visitas a cines pornôs do centro da cidade onde vivia. Ao falar sobre seu erotismo anal, relatava a prática masturbatória acompanhada da introdução de objetos pontiagudos no ânus, como cenouras, ou sua pré-condição de gozo que incluía a ornamentação com colares ou ornamentos maternos.

8. Mecanismo próprio do psicose, que significa a anulação de um elemento como se ele nunca tivesse existido. Esse elemento é o Nome-do-Pai. A falha no simbólico própria da psicose pode gerar fenômenos elementares como delírios e alucinações.

Da identificação mortífera à “precipitação do sintoma”

FÁTIMA SARMENTO

Em 1905, Freud escandalizou a sociedade ao anunciar que a criança goza através do conceito “disposição perversa polimorfa”. As pulsões parciais ligadas às funções vitais não necessitam da presença do Outro, se satisfazem no próprio corpo, são auto-eróticas. Ele admite que é necessário um movimento para que este ser eroticamente auto-suficiente se transforme em um perverso polimorfo: a entrada do Outro em cena. Assim, Freud¹ declara: “sob a influência da sedução a criança pode converter-se em um perverso polimorfo”.

O perverso da criança na visão freudiana é o estruturalmente perverso da sexualidade, não uma subjetividade perversa. Nesse sentido, em relação à criança só se pode afirmar que

há uma disposição, não um quadro perverso estabelecido. O momento da perversão polimorfa corresponde à equivalência simbólica CRIANÇA = FALO, momento em que a criança completa falicamente o Outro. Essa idéia é compatível com a definição de criança como objeto de gozo do Outro.

Freud apostou na idéia de que mais tarde esse perverso polimorfo deverá entrar em latência. Caso isso não ocorra, a criança ficará na posição de fetiche. O que está em jogo aqui é uma identificação: um objeto é traço do sujeito, por exemplo o olhar, que pode ocupar o lugar de fetiche.

Na clínica, é comum o analisando apresentar-se sob um imperativo, portando um sintoma que vai se repetindo sem conseguir representar o sujeito. Cabe aqui uma questão: O que pode o analista com sujeitos que, na condição de objeto, portam um sintoma que

tem o poder de fixá-los num gozo mortífero? Como desconstruir isso?

Enquanto as terapias cognitivo-comportamentais (TCC) se apóiam na operação da identificação, permitindo à criança proteger-se de um gozo que escapa ao significante, a psicanálise considera que a saída da criança ou mesmo do adolescente da posição de objeto não se dá de forma natural. Trata-se de uma situação provocada, ou seja, da instalação do dispositivo analítico, que só se efetivará pela suposição de um saber a um analista.

É preciso transformar o sintoma-queixa em um sintoma analisável, e isso corresponde ao inconsciente transferencial. Há transferência porque há um significante disponível para transferir. O S₁ é, conforme Miller², o

1. FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII. p. 196.

2. MILLER, Jacques Alain. *O inconsciente real*. Aula I do curso 2006/2007.

significante da transferência em seu laço com S2, um significante qualquer.

Disso resulta um sujeito e desse laço se produz o SsS. Mas isso só não basta. É preciso levar o analisando ao regime do Um, ao inconsciente real, o que só acontece, para Miller³, quando o sujeito consegue livrar-se das escórias herdadas do discurso do Outro.

A CLÍNICA

O caso que passamos a comentar é de um adolescente que se apresenta fixado num tipo delinqüente, chefe de um bando que ataca os estrangeiros, pela identificação ao avô que odeia estrangeiros. O desejo do analista foi capaz de permitir a esse jovem a saída da identificação mortífera, colocando fora dele o gozo que não lhe pertencia.

Trata-se de um caso discutido no *Carrossel*, enviado pela colega M. do Rosário Collier Barros, atendido por Hélène Deltombe e publicado na revista *La petite girafe* número 24, intitulado “O estrangeiro familiar”.

O adolescente chegou ao analista indicado pelo diretor de sua escola, que considerou os seus atos de violência sintomáticos e que

*O desejo do analista
foi capaz de permitir a
esse jovem a saída da
identificação mortífera,
colocando fora dele o gozo
que não lhe pertencia.*

comportavam também um apelo à decifração. Essa oferta do diretor de um espaço de fala já faz um primeiro corte para evitar que o adolescente se deixasse enredar em um processo de marginalização crescente.

Os pais, que eram agredidos pelo filho, cumpriram a determinação do diretor, mesmo sem acreditar que isso serviria para alguma coisa.

Logo de início, a analista faz um corte no saber prévio que fixava este sujeito adolescente. Diz ao analisando que considera seus atos enigmáticos e questiona o que ele quer com isso. A partir da resposta “não adianta falar”, a analista lhe diz: “Não se pode saber antecipadamente”. Este ato é que vai permitir ao sujeito esboçar e sustentar uma demanda. Em seguida, passa a incentivar o analisando a contar as suas façanhas. Ele conta orgulhoso que faz parte com seus amigos de um esquema de

segregação violenta – ataque aos estrangeiros, principalmente os árabes, para expulsá-los do bairro. A analista pergunta o que ele entende por estrangeiro e ele responde: “Todos aqueles que não podem pretender ser franceses em razão da cor de sua pele”.

A analista, mesmo invadida de horror pelos atos de violência praticados pelo sujeito, sustenta seu desejo, fazendo com que esse gozo venha a se constituir como sintoma.

A intervenção da analista “de onde vem esse ódio pelos estrangeiros” vai angustiar o sujeito e fazê-lo revelar a sua história. Sua mãe é de nacionalidade francesa e engravidara de um árabe que, logo depois de conhecê-la, teve de voltar a seu país. O analisando fora criado pela mãe na casa do avô, que lhe deu o seu nome e se apegou a ele, fazendo dele seu orgulho e sua razão de viver. O avô anulava qualquer intervenção educativa da mãe da criança. Ele era racista e odiava árabes, despertava no neto o ódio pelos estrangeiros.

Três anos depois, o pai volta para buscar o filho e sua mulher, mas o avô não permite a saída da criança, e só com a morte do avô é que o filho, já com 6 anos, passa a viver com os pais.

Como o analisando continua a se vangloriar de suas brigas contra os árabes, a analista lança um olhar de surpresa, que o desmonta ostensivamente. Esse olhar sustenta uma questão:

3. MILLER, Jacques Alain. *O inconsciente real*. Aula IX do curso 2006/2007.

[...] o estrangeiro é o equívoco que lhe permite construir um sintoma no qual ele é estrangeiro a ele mesmo.

“Não tem ele os mesmos traços daqueles que ele considera estrangeiros?”

A função de corte desse olhar atualiza o ódio que ele tem pelos árabes cujos traços ele carrega no próprio rosto. Ele confessa seu voto secreto de se suprimir, e se dá conta de que suas passagens ao ato vão nessa direção. Hélène Deltombe chama a atenção para essa sessão crucial, na qual o seu espanto favoreceu “a precipitação do sintoma”. Sua angústia fez surgir a divisão do sujeito, pois o estrangeiro é ele mesmo. A analista sustenta essa divisão, mas fazendo-o notar que ele não é o árabe, assim como não é o francês. Ele está dividido entre a identificação ao racismo de seu avô e

a existência de seu pai. E dos dois lados é a identificação ao gozo do Outro que está em questão para ele. Um sentimento de estranheza o invade e ele passa a considerar seu racismo como algo que se enraíza em seu corpo, como gozo do sujeito.

Fica evidente que o estrangeiro é o equívoco que lhe permite construir um sintoma no qual ele é estrangeiro a ele mesmo. Ocorre uma transformação – o sintoma, não mais submetido ao imperativo de sustentar o gozo do Outro, passa a sustentar a entrada em análise, a partir da elaboração de um trabalho de luto para sair da identificação mortífera com o avô.

Os cortes sustentados pela analista produziram a instalação do amor de transferência, permitindo ao sujeito sustentar o desejo de saber sobre estrangeiros. Na escola, ele passa a se interessar por inglês e confessa que lê escondido livros sobre a guerra da Argélia. Se antes o gozo estava ancorado no mais íntimo dele, pela via dos cortes que produziram a transferência ele se exterioriza, é extraído e dá

lugar ao desejo. O analisando coloca fora dele o gozo que não lhe pertencia.

Não havia para este adolescente espaço para uma pergunta pela razão de ser da sua vida antes da análise, já que ele sabia que a razão de sua existência era completar o Outro, completar em termos de gozo. O sujeito escolheu o não penso, logo sou, petrificando-se no S₁, que implicava um real de gozo. O S₁ ódio aos estrangeiros era uma sentença imperativa, significante ao qual o sujeito se fixou e correspondia ao gozo do sujeito enquanto identificado ao gozo do Outro.

Finalmente, o desejo do analista permitiu a esse sujeito ter um destino diferente do ódio vivido como realização do desejo do avô que ele encarnava sem poder interrogar.